


SANKOFA



Um guia para o Afrofuturo

Jéssica Ohana Silva Pereira

Zoraide Portela Silva



"Exu matou um pássaro ontem
com uma pedra que só jogou hoje."

Ditado iorubá



Os Adinkras são um conjunto de símbolos pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizado principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africanas. São, também, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais.

FICHA TÉCNICA

Título: Sankofa: um guia para o Afrofuturo

Origem: Produto final proveniente do Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade, Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité

Área do Conhecimento: Ensino de Ciências da Natureza

Público Alvo: Docentes e discentes do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Categoria do Produto: Guia didático

Idioma: Português

Finalidade: Material instrucional para apoio na prática docente alinhada à ERER

Organização do Produto: Jéssica Ohana Silva Pereira e Zoraide Portela da Silva Cunha

Disponibilidade: Liberada a reprodução total ou parcial do produto mediante citação da fonte e autoria. Proibida a reprodução para fins comerciais

Divulgação: Meio digital e/ou impresso

Identidade Gráfica e Visual: Diógenes Teixeira

Cidade/Estado: Caetité, Bahia

País: Brasil

Ano: 2024



SUMÁRIO

The background features a textured, light-colored surface with faint, artistic illustrations of tropical plants, including palm fronds and a tree. A large, dark grey silhouette of a human figure is positioned on the right side of the page, partially overlapping the text area.

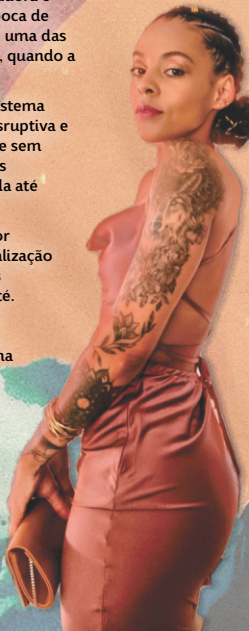
Bio	5
Apresentação	7
Introdução	8
Revisitando o passado	9
Oficina 1	10
Qual tipo de ancestral você quer ser?	
Oficina 2	14
Eminência Parda	
Oficina 3	17
Feira Afrocientífica	
Oficina 4	20
Exposição Fotográfica	
Nossa Melanina	
Material complementar	25

Exercer o ofício de professora e pesquisadora é revisar constantemente memórias da época de estudante. Formada de muitas camadas, uma das mais profundas se faz durante a infância, quando a escola se torna a segunda casa.

Experienciar ser uma criança negra no sistema educacional brasileiro é uma vivência disruptiva e é a minha criança, deslocada, silenciada e sem representatividade, que me conduz pelos caminhos que construíram minha jornada até aqui.

Sou licenciada em Ciências Biológicas por opção, e não pela falta dela, com especialização em Biodiversidade do Semiárido, ambas formações pela UNEB, Campus VI, Caetitê. Sou nordestina. Sertaneja. Inquieta. Sou professora de Escola Pública e sou uma mulher negra que carrega por dentro uma criança sedenta de mundo.

Jéssica Ohana Silva Pereira



Por ser uma mulher negra, intelectual, professora de Literaturas Comparadas, parto do pressuposto de que a Literatura Negra e as Literaturas Africanas, ao articularem a diversidade e a multirracalidade com a dimensão social de seu conteúdo estético, oportunizam reflexões e constituem-se enquanto políticas de combate ao racismo.

Tenho como referências para os estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa autores e autoras como Ana Mafalda Leite, Rita Chaves, Tânia Macedo, Abdala Junior, Franz Fanon, Achille Mbembe, Carmen Lúcia Tindó Secco, Oyèrónk Oyèwùmí, Inocência Mata, Francisco Noa, Nazir Ahmed Can, entre outros, a partir dos quais estruturo minhas próprias epistemes.

O caminho das leituras levou-me a perceber como o adoecimento mental e o racismo estrutural recriam os processos de silenciamento a que foram submetidas as mulheres negras, bem como levam à negação da carreira de uma mulher negra.

Ao me afirmar enquanto mulher negra, venço as condições adversas e ocupo papéis sociais que identifico como voz soante na academia, sem o conformismo da fragilidade que a sociedade impõe às mulheres. A pluralidade étnica que faz a composição da nossa sociedade e a ação educativa alimentam as discussões sobre racismo, machismo, LGBTfobia e invisibilidade de pessoas negras e se expandem em outros espaços de formação.

Estes esforços em encontrar tais estratégias se intensificaram a partir dos anos 2002 e se materializam em algumas reflexões levantadas em minha dissertação de mestrado, defendida em 2005 pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com o tema “A Poesia Quilombola de José Carlos Limeira” e, pelo meu doutoramento, concluído em 2014 pela Universidade de São Paulo – USP, que teve como tema de pesquisa “José Luandino Vieira: Memórias e Guerras Entrelaçadas com a Escrita”.

Zoraide Portela Silva



APRESENTAÇÃO

No ambiente escolar somos apresentados ao mundo. A cada degrau na subida em busca de conhecimento, novas portas se abrem, novos olhares são lançados ao que já está presente ao nosso redor, mas agora passamos a observar com maior compreensão, profundidade e senso crítico. São esses os maiores efeitos da promoção de uma educação não bancária, crítica que, para ser antirracista, é preciso debruçar-se nas heranças africanas e indígenas que estão vivas, latentes e presentes em nosso cotidiano para qualquer lado que olhemos.

Tornar invisível as diferentes culturas presentes na sociedade brasileira, promove a sensação de não pertencimento de negros, pobres, indígenas, grupos que não ocupam o lugar de imposto pelo padrão da branquitude. É nesse contexto que a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) vem como estratégia de incluir socialmente esses grupos de minoria social através das ações que podem acontecer em ambientes formais de ensino e se mostram chão fértil para fazermos uma nova sociedade integrativa surgir, rompendo com as ideias coloniais ainda tão vivificadas.

A lei 10.639/2003 não discrimina quais disciplinas deverão ter a responsabilidade de trabalhar a ERER, é justamente no coletivo que ela deve se estabelecer tornando-se imprescindível que todas as áreas do conhecimento acrescentem valor e importância à Educação das Relações Étnico-Raciais. O que está posto na teoria da lei é o trabalho coletivo e interdisciplinar aplicado pelas escolas públicas e privadas. Porém, mesmo depois de 20 anos, é perceptível a dificuldade de componentes curriculares pertencentes às áreas do conhecimento de Ciências da Natureza e Matemática em colocar em ação a temática durante as aulas e, ainda mais, se alinhadas com os conteúdos programáticos.

É em busca de contribuir com a luta pela aplicação da lei 10.639/2003 dentro das práticas didáticas das áreas de Ciências da Natureza e Matemática que esse guia didático se dispõe. Disponível para uso de docentes e discentes, estão propostas aqui 4 oficinas que podem ser aplicadas em ambiente formal e não formal de ensino, alinhada às aulas das disciplinas que correspondem a área de Ciências da Natureza, mas com possíveis adaptações para outras áreas do conhecimento. Para todas as propostas, o mesmo objetivo: disponibilizar alternativas de promover em salas de aula o fortalecimento da Educação para Relações Étnico-Raciais de forma positiva e potente, usufruindo da sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro.



INTRODUÇÃO

“Sankofa: um guia para o Afrofuturo” surge como produto educacional do curso de Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade, Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité.

Aqui você encontrará uma breve explicação sobre o conceito e histórico do Racismo Científico, como se fortaleceu ao longo do tempo, principais cientistas envolvidos e suas teorias. Na sequência, apresenta-se cinco oficinas que possibilitam trabalhar as relações étnico-raciais durante as aulas da área de Ciências da Natureza, mais especificamente Biologia.

A primeira oficina **QUAL TIPO DE ANCESTRAL VOCÊ QUER SER?** tem como tema central Ancestralidade, raça e etnia e o surgimento da espécie humana em África cujo produto é uma produção textual a partir de textos complementares e a música “continuação de um sonho” do rapper BK.

A segunda proposta de atividade, a Oficina 2, **EMINÊNCIA PARDA**, tem como objetivo promover a reflexão acerca das lutas e conquistas do movimento negro utilizando o clipe da música “eminência parda” do rapper Emicida para discutir o tema em sala de aula.

A Oficina 3 é a promoção de uma **FEIRA AFROCIENTÍFICA** cujo objetivo principal é pesquisar fatos científicos relacionados às disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática que tem origem africana e que foram escondidos pelas concepções eurocêntricas e expor em uma grande feira envolvendo toda a instituição educacional.

E, por fim, temos a Oficina 4. A montagem da **EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA NOSSA MELANINA**, trabalhando características genéticas utilizando a estética negra pela ótica da potência.

Como material complementar, o guia didático é encerrado com uma série de indicações de leituras complementares a partir de livros e páginas de internet, canais no youtube, músicas e clipes musicais, curtas metragens, filmes e outras produções intelectuais e artísticas enriquecedoras para a construção de uma educação antirracista afrocentrada.

O determinismo biológico, que nasce no século XIX, sofreu diferentes reformulações, recebeu contribuições de inúmeros intelectuais de diversas áreas do conhecimento, passou por algumas reconsiderações e a sociedade moderna vivenciou o momento em que as teorias racistas caíram por terra.

Criado em terras europeias, absorvido e adaptado ao contexto brasileiro, o racismo científico ainda está vivo e pungente e contribuiu para que a discriminação racial se tornasse estrutural do modo que é hoje, adentrando todos os espaços e relações, inclusive aos espaços de educação.

Após muito insistir na medição de crânio como forma de quantificar a inteligência humana através da hierarquização das "raças biológicas", um novo capítulo da história do racismo científico é escrito quando abandonam a craniometria e passam a utilizar outros métodos para manter o segregacionismo, a discriminação e a negação de direitos básicos para a população negra.

A exemplos desses outros métodos, a escala Binet surge com o objetivo de contribuir na percepção de estudantes com déficits de aprendizagens para que pudessem receber a atenção educacional necessária para sanar as dificuldades percebidas. Absorvida pelo determinismo biológico, a escala Binet sofre modificações e dá origem aos testes de QI e, mais uma vez, a ciência protagoniza a hierarquização da inteligência de homens e mulheres colocando propositalmente a população negra em último lugar.

Os desdobramentos dessas pesquisas reverberam. Esse guia didático provoca o movimento de conhecer e trabalhar o racismo científico como ponto de partida para discussões sobre a temática negra em espaços de educação, principalmente em aulas de Ciências da Natureza.

Partindo da perspectiva teórica educacional antirracista e pós colonial, o objetivo é possibilitar o (re)contar de uma história que foi firmada na escrita e na visão colonial, expondo a participação científica e apontando desconstruções e caminho didáticos possíveis para oportunizar o fortalecimento da identidade negra enquanto potência.



OFICINA 1

QUAL TIPO DE ANCESTRAL VOCÊ QUER SER?

Objetivos:

Promover a reflexão sobre ancestralidade a partir da ótica biológica e científica da espécie, assim como discutir as participações da população negra em lutas sociais e nas conquistas alcançadas através desses embates;

Produzir material escrito a partir dos estímulos apresentados durante as aulas.

Embasamento teórico e temas a serem discutidos:

Ancestralidade, raça e etnia;

Surgimento da espécie humana em África;

Aparecimento da pele branca a menos de 10.000 anos atrás;

Participação da população negra em lutas e embates sociais pela conquista de direitos básicos.

Associação com conteúdo programático de ciências e/ou biologia:

A ancestralidade pelos olhos da genética;

Darwinismo: ancestralidade comum e seleção natural.

Público alvo:

Anos finais do Ensino Fundamental: 9º ano;

Ensino Médio: geralmente na 3ª série.

Tempo de duração:

Tempo médio de 4 horas/aulas.



ANANSE

sabedoria
criatividade

complexidades da vida

Essa oficina é ideal para introduzir o Darwinismo, ancestralidade comum e seleção natural. Não é necessário aprofundamento, mas é crucial que os estudantes compreendam a ideia de que todos viemos de um ancestral comum.

A oficina é desenvolvida em cinco momentos. Inicialmente, o docente deve perguntar: "Vocês sabem o que é ancestralidade? Qual a importância de sabermos nossas origens?" Após ouvir os estudantes, o primeiro momento, com duração mínima de uma hora/aula, consiste na leitura individual de textos sobre os temas. Em seguida, no segundo momento, formam-se grupos para discutir e compartilhar impressões sobre os textos lidos.

No terceiro momento, os estudantes refletem sobre seus próprios ancestrais, anotando informações conhecidas e formulando um questionário para investigar com familiares mais velhos sobre seus ancestrais mais antigos. Antes de partilhar as descobertas, ouvem a música "Continuação de um sonho" do rapper BK, percebendo a importância da ancestralidade para sua existência e sobrevivência. Na letra da música, os jovens poderão perceber que eles são a continuação de um sonho que foi iniciado muitos anos antes deles existirem. A importância da nossa ancestralidade não só para a nossa existência, mas também para a nossa permanência e sobrevivência e, com trechos da música afirmando "Eu sou a continuação de um sonho Da minha mãe, do meu pai, De todos que vieram



antes de mim. Eu sou a continuação de um sonho Da minha vó, do meu vô, Quem sangrou pra gente poder sorrir", tornará mais forte essa ideia de sermos continuidade dos que vieram antes de nós.

O quarto momento é o compartilhamento das descobertas familiares, refletindo sobre o que os ancestrais fizeram para que os estudantes tivessem o que têm hoje, ampliando a discussão para direitos conquistados através de lutas coletivas. Com base nas leituras, música, discussões e compartilhamentos, cada estudante projeta-se no futuro, escrevendo sobre o tipo de ancestral que deseja ser para seus descendentes.

Os textos podem ser em prosa, poesia, crônica, conto, história em quadrinhos, carta ou qualquer outro formato que o estudante escolher, desde que trate do tipo de ancestral que deseja ser. A produção textual pode ser concluída em sala ou em casa, dependendo da programação.

Como culminância, monta-se um painel com os nomes dos ancestrais dos estudantes, intitulado "Eu sou a continuação de um sonho". A conclusão da oficina inclui a leitura voluntária de textos ou a exposição do painel, seguida de uma reflexão guiada pelo docente: "Qual foi o fator mais importante dessa atividade? Se viemos todos do mesmo ancestral comum, como explica Darwin, por que somos tão diferentes?" A escuta das respostas dos estudantes ajuda a verificar se houve mudança na percepção sobre ancestralidade.

Momentos/Duração	Ações
1º momento: 1 hora/aula	Questionamentos sobre: O que é ancestralidade? Qual a importância de sabermos sobre as nossas origens? Leitura de textos sobre Ancestralidade.
2º momento: 1 hora/aula	Discussões em grupos acerca do que leram e suas impressões prévias e compartilhamento coletivo do que foi discutido em grupo.
3º momento: 1 hora/aula	Escrita de informações sobre sua ancestralidade que já sabem e montagem de questionário para ser feito com os familiares mais antigos sobre a sua ancestralidade.
4º momento: 2 horas/aula	Escuta da música "Continuação de um sonho" e compartilhamento do que foi buscado e investigado junto aos familiares mais antigos da família acerca dos seus ancestrais.
5º momento: 1 hora/aula	Produção textual no formato que os estudantes escolherem em que o enredo seja falando sobre qual tipo de ancestral ele deseja ser para os que virão ou a produção coletiva do painel "Continuação de um sonho".

Sugestões de materiais complementares:



Artigo: Direito à Ancestralidade
por Lorena Borges
Coletiva Negras que Movem para o Portal Geledés



Música: Continuação de um sonho
do rapper BK
Realização: AKQA / Coala.Lab

OFICINA 2

EMINÊNCIA PARDA

Objetivos:

Promover a reflexão acerca das lutas e conquistas do movimento negro;

Embasamento teórico e temas a serem discutidos:

Histórico do Movimento Negro;
Surgimento das Ações Afirmativas;
Relações Ecológicas

Associação com conteúdo programático de ciências e/ou biologia:

Relações Ecológicas;
Simbiose.

Público alvo:

Ensino Fundamental: 7º ano;
Ensino Médio: 1ª série.

Tempo de duração:

2 a 3 horas/aulas



AYA

resistência
desenvoltura
superação de dificuldades

Antes de iniciar a proposta, é interessante que o/a professor/a já tenha feito explicações acerca das Relações Ecológicas e sobre o que é Simbiose. No primeiro momento da atividade, a música "Eminência Parda" do rapper Emicida deve ser apresentada à turma por forma de áudio ou produção audiovisual através do clipe oficial, justamente com a letra impressa e entregue para os estudantes.

É importante que uma breve biografia de Emicida seja exposta e na sequência o docente deve expor que o tema central da aula é "Movimento Negro X Simbiose", o que fará os estudantes já ir buscando ligação dos dois temas.

Reunidos em grupos de 5 a 6 pessoas, ou como o docente preferir, cada grupo receberá uma missão diferente: 1º grupo deverá ler a letra da música e identificar a relação que pode ser feita com o Movimento Negro; 2º grupo deverá buscar relação com o conceito de Simbiose e 3º grupo deverá preocupar em fazer a associação entre os dois temas.

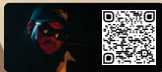


Após disponibilizar de 20 a 30 minutos para o 1º grupo, este deverá expor verbalmente para todos em sala quais relações conseguiram estabelecer e na sequência o 2º e 3º grupo, respectivamente, farão o mesmo.

Exposições das primeiras impressões concluídas, esse é o momento do docente disponibilizar material teórico de leitura sobre o percurso do Movimento Negro e suas conquistas para o 1º grupo; para o segundo grupo as leituras serão sobre conceito, classificação e exemplos de Simbiose, enquanto o terceiro grupo receberá material de ambas temáticas.

A proposta para finalização desta atividade é a montagem de uma apresentação oral com slides, no formato seminário, que a sua elaboração deverá iniciar em sala e ser concluída em casa. Na aula seguinte, cada equipe deverá apresentar o seu seminário para toda a turma.

Sugestões de materiais complementares:



Música: Eminência Parda
Emicida, Dona Onete, Jé Santiago e Papillon
Laboratório Fantasma Produções



Artigo: Movimento Negro
Wikipédia, a enciclopédia livre
para o Portal Geledés

OFICINA 3

FEIRA AFROCIENTÍFICA

Objetivos:

Pesquisar fatos científicos relacionados às disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática que tem origem africana e que foram escondidos pelas concepções eurocêntricas;

Selecionar entre os dados pesquisados quais serão exposto em formato de Feira de Ciências;

Confeccionar banners, expositores e maquetes sobre os dados selecionados;

Promover um dia na escola destinado para a exposição do material produzido.

Embasamento teórico e temas a serem discutidos:

Afrofuturismo;

Historicidade decolonial da ciência.

Associação com conteúdo programático de ciências e/ou biologia:

História de Ciências

Público alvo:

Poderá ser aplicada em todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Tempo de duração:

Essa proposta poderá ser desenvolvida durante uma unidade letiva inteira.



NTESIE

prudência
conhecimento
compreensão

A promoção da Feira Afrocientífica pode ser iniciada com a desconstrução de que o continente africano não contribuiu ou contribuiu muito pouco para os avanços e descobertas tecnológicas da humanidade. Para embasar essa explanação introdutória, além de outras fontes, o livro "A história preta das coisas: 50 invenções científico: Tecnológicas de pessoas negras" da autora Bárbara Pinheiro pode ser um ponto inicial satisfatório para apresentar aos estudantes várias invenções, principalmente relacionadas às disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática, que estão presentes em nosso cotidiano que tem origem africana, não são divulgadas como deveria e ainda foram ditas como produções europeias.

Após essa apresentação, a turma pode ser dividida em equipes e cada grupo poderá se apropriar de uma das invenções para debruçar sobre a sua história, estudar, reproduzir o artefato em formato de maquete e produzir material informativo sobre o tema para ser exposto.



Funcionando exatamente como uma feira de Ciências, a feira Afrocientífica será exclusivamente direcionada para as produções intelectuais e tecnologias ancestrais de origem africana em que os estudantes produzirão banners, expositores e maquetes sobre os dados selecionados para serem expostos em um dia na escola destinado para a exposição do material produzido.

O ideal é que toda a instituição se envolvesse, tornando a Feira um local extremamente rico de informações acerca das nossas contribuições intelectuais para a humanidade e abrindo suas portas para a visita da comunidade ao redor do ambiente escolar assim como outras unidades de ensino.

Sugestões de materiais complementares:



afrofuturismo
Nossa Língua > Nova palavra > afrofuturismo
Academia Brasileira de Letras



Artigo: O que é afrofuturismo. E como ele aparece na cultura pop por Camilo Rocha para o Portal Nexa



Artigo: O que é o movimento Afrofuturista? por Tree Diversity

OFICINA 4

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “NOSSA MELANINA”

Objetivos:

- Proporcionar momentos e espaços de valorização e reverência a beleza das características fenotípicas de estudantes negros e negras;
- Romper com os estereótipos racistas do padrão de beleza imposto socialmente em que o belo é o branco;
- Viabilizar a formação da autoestima de estudantes negros e negras através da identidade negra enquanto beleza e potência;
- Produzir uma exposição fotográfica com fotografias dos estudantes negros/as.

Embasamento teórico e temas a serem discutidos:

- Conceito de genética;
- Diferença de genótipo e fenótipo;
- Herança genética das características físicas;
- Padrões de beleza e racismo na construção da identidade;
- O que é branquitude?
- Os efeitos dos padrões estéticos da branquitude.

Associação com conteúdo programático de ciências e/ou biologia:

- O que é genética?
- Conceitos básicos de genética;
- Primeira Lei de Mendel.

Público alvo:

- Anos finais do ensino fundamental: 9º ano;
- Ensino médio: geralmente na 3ª série.

Tempo de duração:

- Mínimo de um mês, mas poderá ser estruturada para ser um trabalho desenvolvido durante uma unidade letiva inteira.



DUAFE

beleza
limpessa
amor e cuidado

Para a produção da exposição fotográfica é necessário que os conceitos destacados no embasamento teórico sejam trabalhados sistematicamente em sala de aula. Todos correspondem ao assunto de Genética, muito comumente estudados na terceira série do ensino médio, mas, por se tratar do início do tema e sua parte introdutória, pode ser aplicada a qualquer série do ensino médio e até mesmo nos anos finais do ensino fundamental.

Sendo assim, a exposição fotográfica poderá ser direcionada para toda a unidade escolar ou direcionada para uma turma em específico, precisará de um tempo significativo para acontecer e deve ser dividida em pelo menos 4 etapas: A primeira etapa corresponde à apresentação da proposta da exposição fotográfica em pátio para toda a unidade escolar ou para uma turma, em sequência a utilização de pelo menos duas horas/aulas para explanação do embasamento teórico, conforme descrito assim, através de aulas expositivas, livro didático, texto complementares e vídeos.

A segunda etapa é direcionada para a inscrição dos estudantes que desejam participar como modelos a serem fotografados sendo necessário determinar um prazo para inscrição que pode ser de uma a duas semanas. O próximo passo do projeto é a feitura das fotos e para essa etapa a demanda de tempo dependerá de para quem as inscrições foram direcionadas e a quantidade de estudantes inscritos. A proposta inicial é que o docente que queria produzir o projeto na escola seja a pessoa que irá produzir os registros pois, no momento dos cliques, muita troca e diálogos importantes podem acontecer. Pode-se selecionar uma sala com decoração mínima para servir de locação fotográfica ou utilizar espaços externos para fotografar e toda a estética de



roupas, elementos, maquiagem é interessante que fique livre para estudantes estarem do jeito que se sentem mais à vontade.

Outra proposta para a feitura das fotografias é abrir a possibilidade de participação para os estudantes não negros serem as pessoas que irão fotografar os modelos que se inscreveram. Os estudantes negros/negras como protagonistas da atividade deverão escolher as suas fotografias que mais lhe agradaram, com uma quantidade limite que deverá ser estipulada pelo docente a depender da possibilidade de impressão desse material. Com as fotos escolhidas, o passo final fica logo em seguida.

Com as fotos impressas em tamanho expressivo, expositores deverão ocupar o pátio principal da unidade escolar para que seja visto e apreciado por todos da instituição. Para o momento da abertura, é imprescindível que o docente responsável faça uma fala sintetizando a proposta da atividade, pontuando seus objetivos e metas, trocando relatos de experiências de quem participou e vivenciou a atividade, tudo isso com a participação oral de um ou mais estudantes que participaram do processo.

A sugestão é que a exposição fotográfica permaneça por pelo menos um mês, fazendo parte da decoração da escola e disponível para apreciação de todos e todas da comunidade escolar.

Sugestões de materiais complementares:



Artigo: Além do Fio – A estética negra e o racismo por Marcelle Felix do Observatório de Favelas para o Portal Geledés



Artigo: É preciso ser negro além da estética por Linocasouza para o Portal Geledés

EXPERIENCIANDO O PROPOSITO

OFICINA EXPOSITIVA FOTOGRAFICA NOSSA MELANINA

Em novembro de 2022, aconteceu no Colégio Estadual Luis Prisco Viana, a primeira exposição fotográfica produzida exclusivamente com estudantes autodeclarados negros e negras. Criar a oportunidade de promover essa experiência aos discentes configurou-se como uma retomada ao passado, uma quebra na linha do tempo em que o passado e presente se misturam para moldar um futuro.

Ao mesmo tempo em que colocava as imagens dos estudantes em lugar de destaque e evidência expondo as potências que eles são, eu também curava e ressignificava a minha existência infantil silenciada em ambientes escolares, proporcionando um lugar saudável para a construção de identidades, sem os estereótipos coloniais da branquitude, através de uma prática docente, que busca ser antirracista.



EXPERIENCIANDO O PROPOSITO

OFICINA
EXPOSICAO FOTOGRAFICA
NOSSA MELANINA



FILMES

RACISMO CIENTÍFICO



SEQUELAS DO RACISMO



HISTÓRIAS DO PASSADO NÃO CONTADAS



AFROFUTURISMO



LIVROS



Racismo Estrutural
Silvio Almeida
Editora Jandaíra



Como ser um educador antirracista:
Para familiares e professores
Bárbara Carine
Editora Planeta



Ensinando a transgredir
A educação como prática da liberdade
bell hooks
Editora Martins Fontes



Querido Estudante Negro
Bárbara Carine
Editora Planeta



História preta das coisas:
50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras
Bárbara Carine
Editora Planeta



Ensinando Pensamento Crítico
Sabedoria Prática
bell hooks
Editora Martins Fontes



Futuro ancestral
Ailton Krenak
Companhia das Letras



O movimento negro educador
Saberes construídos nas lutas por emancipação
Nílma Lino Gomes
Editora Vozes



A falsa medida do homem
Jephthah Jay Gould
Editora Martins Fontes



• JOTASTY.COM •

Caetité, Ba, 2024.